

O MOVIMENTO DOS BICHOS

NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE ANIMAIS, SERES HUMANOS E ESPAÇOS EM URUCUIA, MG

LUZIMAR PAULO PEREIRA

RESUMO *A circulação de animais de criação por casas, sítios e fazendas é um importante tópico da vida cotidiana dos moradores das áreas rurais do município de Urucuia, MG. Os “bichos do criatório” são entendidos como produtos da ação humana sobre a “natureza”, ao mesmo tempo em que parecem dotados de subjetividades e agências próprias que, muitas vezes, os colocam em confronto com os homens. Os animais em movimento põem em questão os limites físicos e simbólicos de casas, sítios e fazendas, além de estarem intimamente relacionados a diversos aspectos da vida social. A circulação dos bichos está na base dos esforços de produção e manutenção de terreiros, chiqueiros, currais, pastos e roçados. Por outro lado, tal deslocamento aciona formas de reciprocidade responsáveis pela constituição e pela dissolução de vínculos entre seus criadores.*

PALAVRAS - CHAVES *movimento, campesinato, animais não humanos, criação.*

ABSTRACT *The circulation of the breed animals around houses, ranches and farms is an important topic of everyday life for residents of rural areas of the municipality of Urucuia, MG. The breeding is understood as product of human action upon the "nature" meanwhile considered as endowed with subjectivity and agency that often lead to a confrontation with men. Those animals mobility call into question the physical and symbolic boundaries of houses, farms and ranches, as well as closely related to various aspects of social life. Hence, their mobility is in the basis of the production and maintenance of yards, barns, corrals, pastures and ploughs. Furthermore, it triggers practises of reciprocity that are responsible for enable and dissolute links among breeders.*

KEYWORDS *circulation, peasant, non-human animals, breeding.*

A circulação de animais não humanos por casas, sítios, fazendas, campos e matas é um importante tópico da vida cotidiana dos moradores do município de Urucuia, ao norte de Minas Gerais. A partir de material etnográfico recolhido ao longo de três viagens de campo realizadas nos anos de 2007, 2008 e 2013, pretendo descrever e analisar as maneiras pelas quais os deslocamentos dos bichos – domésticos ou não – são percebidos e entendidos pelos seres humanos. Em especial, procuro compreender o modo pelo qual a circulação dos animais articula-se às atividades de produção, manutenção e eventual destruição de alguns dos espaços de vida e trabalho dos pequenos agricultores e criadores urucuianos, além de apontar seu papel na constituição de inúmeras formas de sociabilidade inter-humana. O eixo descritivo deste texto será construído através do inventário dos saberes e práticas associados à atividade do criatório, expressos no trabalho dos criadores e nos relacionamentos cotidianos estabelecidos entre homens e animais. A esse material serão somadas narrativas recolhidas junto a informantes selecionados.

No seu *The Perception of the Environment* (2000), o antropólogo Tim Ingold defende que antes de construir, o homem *habita* o mundo em que vive. O conceito de *dwelling* evoca o entendimento de que os lugares da vida social e cultural são, antes de tudo, povoados por outros seres com os quais os seres humanos precisam se relacionar. A perspectiva do autor implica a ideia de que formas edificadas emergem no interior de contextos relacionais criados no engajamento prático das pessoas com outras pessoas e com o meio ambiente. Além disso, tais construções estariam, elas mesmas, em constante criação e dissolução. No caso urucuiano, isso significaria partir da ideia de que sítios e fazendas não começam aqui, com planos pré-estabelecidos, e terminam ali, diante dos artefatos edificados. As formas finais das casas, das roças e dos pastos que compõem a paisagem rural do município são momentos fugazes na vida de seres e materiais em perpétuo movimento, precariamente

estabilizados através da ação intencional de agentes humanos e não humanos. Os animais e, principalmente, os animais de criação, desempenham um papel central nesses processos. Posicionados numa intersecção móvel no interior de uma série que opõe noções nativas de natureza e cultura (LEACH, 1983; PHILO e WILBERT, 2005), os deslocamentos constantes dos seres não humanos, domesticados e não-domesticados, colocam em questão os limites físicos e simbólicos dos sítios e fazendas, além de estarem intimamente relacionados a diversos aspectos da sociabilidade inter-humana.

OS MUNDOS DOS BICHOS

Em Urucuia, os animais são classificados segundo um sistema que distingue e hierarquiza seres não humanos que podem ser domesticados daqueles que não podem. Os *bichos do mato* não possuiriam predisposições “naturais” para viver entre e com os homens. “Você pode pegar uma perdiz de filhote”, dizia um pequeno agricultor, “mas é só crescer que ela vai embora”¹. Segundo o ponto de vista dos moradores, a distinção entre o animal selvagem e o doméstico estaria relacionada a uma suposta diferença entre suas respectivas “naturezas”: o bicho do mato, diferentemente do bicho de criação, não existe para o controle dos homens. Assim como é da “natureza da galinha” habitar o terreiro de um sítio, ser alimentada e protegida pelos seres humanos faz parte da “natureza da perdiz” viver no mato, alheia aos cuidados humanos.

A vida longe dos lugares de habitação humana não implica simples desterritorialização. Qualquer habitante das áreas rurais de Urucuia sabe dizer com precisão onde ficam certas regiões em que alguns tipos de animais selvagens costumam habitar. Na sede municipal, um morador me dizia, certa vez: “ali pra cima do Ribeirão tem muita é cascavel”. Também não foram poucas vezes que alguém me alertava que uma cobra “sucuruí mora

¹ Carmen Andriolli (2011) descreve observação semelhante na sua pesquisa com os moradores do interior do Parque Nacional do Grande Sertão: Veredas, em Chapada Gaúcha/MG, município vizinho a Urucuia.

² Para Jean Baudrillard, a imagem dos animais, dos selvagens e dos animais selvagens como livres e errantes está ancorada numa imagem moderna e ocidental da “natureza” como o espelho invertido da liberdade que gostamos de atribuir ao capital. Escreve o autor: “Ora a natureza livre, virgem, sem limite nem território, onde cada um deabula à sua vontade, nunca existiu, a não ser no imaginário da ordem dominante, da qual é o espelho equivalente. Nós projectamos como selvajaria ideal (natureza, desejo, animalidade, rizoma...) o próprio esquema de desterritorialização que é o do domínio econômico e do capital. A liberdade não está em lado nenhum a não ser no capital, foi ele quem a produziu, foi ele que a aprofundou” (BAUDRILLARD, 1981, p. 171).

naquela lagoa”. Não obstante invadam diversas vezes espaços ocupados pelos seres humanos (roças, terreiros, casas), as cobras, como todos os bichos do mato, possuem seus territórios (alguns deles sobrepostos ou vizinhos aos espaços humanizados). Nada mais distante da visão urucuiana do que uma concepção da vida selvagem marcada pela liberdade e errância total de movimentos². As queixadas, as antas, as capivaras, os tatus, os veados, entre outros seres não humanos do mato ou dos rios, também são habitantes do mundo e possuem seus próprios territórios de morada. No limite, a vida nas zonas rurais e urbanas do município depende dos conhecimentos observados ou aprendidos a respeito dos lugares onde vivem, ou provavelmente vivem, certos animais selvagens. As caçadas e pescarias, os cuidados com a segurança pessoal, familiar e dos rebanhos, as viagens prolongadas, todas essas atividades eminentemente humanas dependem muitas vezes desse tipo de conhecimento.

Ao contrário dos animais selvagens, os *bichos de criação* são aqueles que vivem sua vida cotidiana ao lado dos homens, permanecendo nas redondezas de suas moradias. Os seres não humanos domesticados da vida rural urucuiana se dividem entre os *de terreiro* e os *de curral* (ou *pasto*). Assim como ocorre em outros contextos socioculturais (LEACH, 1983; TAMBIAH, 1985), a classificação dos bichos, em Urucuia, está atrelada a outras séries classificatórias, notadamente a dos homens e a dos espaços. Os animais de terreiro vivem nas imediações próximas das residências, no entorno imediato das casas, enquanto os bichos do pasto habitam preferencialmente espaços construídos e cercados mais distantes. Entre eles, ocupando certa posição liminar, os animais genericamente intitulados “bichos da casa” parecem – assim como os homens – gozar de maior liberdade de locomoção. Abaixo, apresento sinteticamente cada um destes três conjuntos.

1- As *aves de terreiro* são as mais comuns das criações encontradas próximas às casas. Como regra geral, esses animais

ficam soltos. Não há, em Urucuia, muitos produtores que se dedicam a construir e manter galinheiros em suas propriedades. Raramente individualizadas, as aves permanecem nos terreiros durante o dia, recolhendo-se, à noite, nos galhos altos das árvores do quintal. Galos, galinhas, cocás (galinhas da angola), perus e patos são criados para se reverterem em fonte de alimento para as famílias ou em rendimentos financeiros para as mulheres, as principais responsáveis pelo “criatório” (BRANDÃO, 1995). A produção de porcos também obedece ao mesmo “sistema”. Soltos, esses animais raramente são confinados em chiqueiros e podem ser encontrados circulando pelos terreiros da propriedade rural. Criados em número variável, os suínos são engordados, vendidos ou abatidos em prol do consumo familiar. As obrigações para com sua criação se dividem igualmente entre homens e mulheres.

2- O criatório urucuiano também conta com a presença maciça de cavalos, éguas, mulas, burros, bois, vacas, bezerros e novilhos. Em princípio, os animais compartilham entre si os espaços cercados da propriedade rural. Nos pastos, eles se alimentam de capim plantado, além de receberem, nos currais, água e complemento à base de ração e sal. O gado, em especial, também pode ser criado solto nas beiras de rios e nos *largos* (grandes extensões de cerrado) onde se alimenta de frutas e ramos. Os cavalos, além das éguas, mulas e burros, são criados para montaria ou tração de charretes. Como “parceiros” do trabalhador rural, eles são muito admirados e queridos, caso sejam reconhecidos como bons *de serviço* ou montaria. O gado, por sua vez, é criado para servir de alimento ou garantir rendimento em dinheiro quando vendido como carne ou, se bezerros, como futuros reprodutores de outros criadores. Alguns podem se transformar em animais de tração, puxando carros de boi. Nessa condição, eles são admirados pela força e obediência no desempenho do seu trabalho.

3- Entre os animais de terreiro e de pasto, há ainda um conjunto de bichos que circula com mais desenvoltura por diversos locais: cães, gatos e papagaios. Em princípio *da casa*, tais animais – que estariam mais próximos dos *bichos de estimação* do que *bichos de criação* - também dependem, para sua existência, de uma proximidade física e simbólica junto aos seres humanos. Sua relação com os homens não parece depender da utilidade econômica ou alimentar imediata. Tampouco, eles são criados necessariamente como alvo privilegiado do afeto de seus donos. Cães e gatos desempenham muitas vezes papéis na proteção das residências contra eventuais invasores, sejam eles humanos ou não humanos (onças, cobras, ratos e outros bichos considerados perigosos ou sujos). Os cães, em particular, são parceiros dos meninos e homens adultos nas atividades de caça. Além disso, estão presentes nos trabalhos dos roçados e no trato com o rebanho bovino. Cães e gatos considerados bons, valentes ou inteligentes são louvados por seus donos. Ao lado das aves e dos porcos, esses animais são alimentados pelos seres humanos com rações preparadas ou, como regra, com “restos” que lhes são oferecidos durante as refeições familiares.

Criados para serem *da casa* (como cães, gatos e papagaios), *do trabalho* (como cavalos, mulas, jumentos e bois carreiros) ou *de negócio* (como bodes, cabras, gado de corte e aves domésticas), os animais domesticados tendem a ser vistos pelos humanos como sujeitos mais ou menos individualizados: seres com os quais seus donos precisam se relacionar. Em determinados contextos, eles podem ser simples objetos de posse do seu dono (*de negócio*). No entanto, com bastante frequência, os animais podem ser classificados como seres individualizados e engajados em relações de reciprocidade com os seus proprietários. Nas palavras de Brandão (1999, p. 162), fazendo referência a outro contexto etnográfico, tais animais seriam “Seres de algum modo tornados, então, subjetivamente e actancialmente, sujeitos de trocas, co-

autores, autores de relações. De relacionamentos que encontrei carregados de significados, de sentidos e de sensibilidades”.

O que distingue os chamados *bichos de criação* e os *bichos do mato* não é, no entanto, uma suposta imobilidade dos primeiros em oposição ao caráter permanentemente móvel dos segundos. Cavalos, jumentos, bois, vacas, cães, gatos, papagaios, porcos, galos, galinhas, patos, entre outros animais, também estão em constante movimentação. A circulação dos bichos domésticos, entretanto, parece obedecer, mais especificamente, os limites dos territórios controlados pelos homens. Se os animais selvagens estão associados aos rios e às matas mais ou menos distantes, locais onde os homens passam, mas nunca ficam, os seres não humanos domesticados são, por princípio, habitantes das casas, sítios e fazendas³. Ainda que alguns deles circulem por lugares que são interditos ou contrários à presença dos seres humanos, os *bichos de criação* permanecem sob a influência dos espaços socializados na forma de currais, pastos e terreiros. Os animais domésticos que se movimentam por entre diversos lugares sempre voltam ou devem voltar para os territórios habitados pelos seus donos.

O BICHO FORA DE LUGAR

Belchior (nome fictício) conduzia sua carroça de boi numa viagem de trabalho. O pequeno agricultor e criador de gado de corte voltava da casa de um dos seus compadres, para quem havia levado cerca de duzentas peças de tijolos que seriam utilizadas na construção de um banheiro. Estávamos, então, a poucos quilômetros da residência do condutor. E ele parecia ter pressa em chegar. Os bois “empareados” que tracionavam o veículo se chamavam Rádio e Relógio. Ambos eram novos e também novatos na função de puxar carros. Por isso, dizia Belchior, eles se mostravam arredios e muitas vezes indisciplinados para o trabalho. Rádio, destacava, era o mais forte e preparado para o “serviço”, embora também fosse indócil e difícil de ser comandado.

³ Os seres não humanos domesticados também se distinguem de outros seres que habitam as residências ou que vivem sob sua influência constante, mas que nunca são considerados posses de seus donos: insetos, aracnídeos, pequenos roedores, pássaros etc. Ali, eles são como parasitas fisiológicos ou econômicos, que vivem de “roubar” a saúde ou os mantimentos das pessoas, ou como presenças inevitáveis, sem no entanto causarem qualquer tipo de risco ou prejuízo aos moradores.

“Esse é prosa-ruim demais”, afirmava, querendo dizer com isso que o animal gostava de desafiar seu dono e desobedecer a suas ordens. Relógio, por sua vez, era mais fácil de lidar e obediente, não obstante demonstrar diversas vezes certa preguiça durante as empreitadas, desacelerando o passo de tempos em tempos ou parando quando o carro estava muito carregado. “Esse boi não gosta do pesado, não. Quer nada com a dureza, não”, dizia, algo indignado.

Desde que saímos da casa do compadre de Belchior, a viagem sobre a carroça de boi era pontuada pelo som intermitente dos gritos e imprecações proferidas pelo condutor: “Ê, Relógio, não anda, bicho? Quer correr, não, bicho? Ê!”. A expressão verbal era ameaçadora. O ferrão de condução, uma grande vara com um pequeno prego colocado na ponta, também era diversas vezes acionado. Belchior espetava. Linhas de sangue escorriam do lombo dos bois carreiros. Na lida dos carros, bons animais são aqueles que obedecem aos comandos verbais do condutor: para virar à esquerda ou direita, acelerar ou diminuir a marcha, parar ou iniciar um movimento. No entanto, quando eles se mostram difíceis ou arredios, falas e gestos violentos, como gritos ou espetadas, precisam ser postos em operação. No caso de bois aprendizes, como eram definidos Rádio e Relógio, o caráter agonístico da relação se tornava quase obrigatório. Bater, espetar e gritar emergiam como formas legitimadas de “ensinar” os animais do trabalho para o trabalho.

Num determinado momento da viagem, aconteceu: Rádio, que ficava no lado esquerdo da junta de bois, teimava em seguir em direção ao centro da pista de rodagem. O movimento, de certa forma arriscado (carros e caminhões também circulavam por ali), também foi entendido pelo condutor como um desafio ao seu comando. Gritando, batendo com a vara e ferrando para que o animal permanecesse no canto direito da pista, o carreiro teve seu rompante, tão logo um caminhão carregado de carvão passou perigosamente ao nosso lado. Belchior saltou do carro

e buscando uma pedra na beira do caminho atirou-a sobre a cabeça do animal, que assustado e dolorido, recuou e parou. Rádio ainda tentou esboçar um revide, mas outra pedrada, ainda mais violenta, seguida pelo grito alto e grosso do nosso condutor, foi o bastante para que ele desistisse de reagir.

Em Urucuaia, costuma-se dizer que bons condutores não devem fazer uso desnecessário da violência no trato com os bois de tração. A fala, que é quase uma regra, revela a predileção por um certo modo específico de se relacionar com os animais, que mais do que subjugados pelos homens, devem ser tratados como seus “companheiros” de trabalho. O correto, diz-se, é que os bichos nutram, através da convivência diária, “respeito” pela voz suave de seus donos e/ou condutores. O trato afável e respeitoso com os animais também revelaria, por outro lado, a destreza do carreiro, não só responsável por ensinar os bichos na lida cotidiana dos carros, como por conduzi-los corretamente.

Belchior, certamente, por causa de seu rompante, poderia ser considerado mal condutor por outros condutores urucuianos (seu filho, mais tarde, falaria comigo: “papai não sabe mexer com carro de boi, não. Ele bate muito nos bichos”). No entanto, tão logo o carro iniciou novamente seu movimento, o fato de o boi chamado Rádio finalmente começar a demonstrar obediência aos comandos do carreiro foi a comprovação, na prática, de que a pedagogia da violência também tem sua eficácia. “É um bicho bruto”, dizia o carreiro, “se não fizer essas coisas, ele não aprende”. Um outro viajante, que nos acompanhava, concordava com o condutor: “se não bater, o bicho não acerta andar do jeito que a gente quer”. Rádio parecia ser um animal talhado para a lida dos carros, mas, antes, teria que, nas palavras de Belchior, “aprender a obedecer”.

Os demais animais de criação também precisam ser “educados” para habitar entre os homens. Um dos elementos distintivos da pedagogia urucuiana voltada para os animais evoca a noção de *peleja*: luta, desafio, enfrentamento. Ainda que sejam

naturalmente dotados de uma capacidade de aprender (o que revela uma natureza distinta daquelas dos seres não humanos selvagens), os bichos de criação também podem resistir aos processos de socialização impostos pelos homens. A doma de um cavalo, por exemplo, é o primeiro passo para sua domesticação. Fundamental para que o animal se torne útil no cotidiano rural, exigindo o conhecimento de técnicas apuradas por parte de homens considerados valorosos, a atividade encena uma “luta” cujo resultado esperado é a sujeição do bicho ao ser humano (DE PAULA, 1999).

A atividade relacionada à *marcação* do gado é um verdadeiro embate entre homem e animal. A *marca* distingue a propriedade de um criador. Entende-se, no entanto, que o gado “não quer ser marcado” e luta com todas as suas forças para que isso não aconteça. Primeiro, faz-se necessário que o gado seja trazido ao curral. A destreza do vaqueiro diz respeito, nesses momentos, à sua montaria, sua capacidade e sua força para laçar e arrastar o animal para o local onde será aplicada a *marca*. Além disso, a atividade estrita da *marcação* envolve o uso de uma certa violência. O depoimento do poeta Eduardo Santos Maia mostra o assombro do narrador diante dessas lidas, em 1918, no Norte de Minas:

No curral, a poucos metros da vivenda senhorial, o gado se escoiceia, e muge, e escava; marruás, no cio, erguem-se de quando em vez sobre as vacas predispostas à fecundação; as crias, presas noutra compartimento, berravam insistentemente, correspondidas pelos urros aflautados e fundo das mães, a rodearem a prisão, pacientes, incansáveis (...) Espetáculo arrepiante e penoso é o da ferra: três ou quatro vaqueiros pulam no curral, munidos de grossa corda de couro cru trançado e laça aqui, derriba ali, peia acolá! Um ferro, uma letra, um monograma, um sinal, embutido num cabo de madeira ou de osso, numa fogueira adrede tolhida nos seus movimentos e na posição desejada, um meninote, para tal serviço designado, na voz de – ‘traga o ferro’ – leva-

o, entregando-o a um dos vaqueiros. Este procura o sítio costumeiro, toma posição adequada e pousa-o candente na pele do animal, erguendo-se uma fumarada de cheiro ativo, característico de cabelo queimado, ficando em negro o fac-símile da marca abrasada. O pobre bicho geme doridamente e dos seus grandes olhos escorrem duas lágrimas, vagarosas e longas (MAIA *apud* RIBEIRO, 1998, p. 141).

A atividade da criação atualizaria, então, uma espécie de “ética camponesa” segundo a qual a posse dos rebanhos só é plenamente efetivada através do esforço contínuo de transformação do mundo natural em social e cultural. Os animais seriam em si mesmos propriedades originais de deus, oferecidas como dons e dádivas para o usufruto de toda a humanidade (BRANDÃO, 1999). O trabalho com os animais é o gesto positivo de complementar a dádiva original com o esforço individual e coletivo de domesticação (PEREIRA, 2011). As atividades não se restringiriam, obviamente, apenas aos tratos realizados junto ao bicho individualizado. O plantio dos pastos que servem de alimento aos bovinos e equinos; o controle das pestes que abalam sua saúde; o cuidado com certos predadores que ameaçam sua integridade; todas essas e outras ações apontam para o esforço constante de transformação da matéria-prima oferecida por deus em produto efetivo para uso e consumo dos homens. Dessa maneira, o criatório se destacaria como todo um conjunto de atividades por meio do qual se torna o resultado inevitável da socialização dos animais frutos da criação divina.

A noção de sujeição não implica, entretanto, que os animais sejam entendidos como seres passivos. Pelo contrário, evoca a ideia de que os bichos também são dotados de subjetividades e agências próprias – que, não obstante, precisam ser subjugadas pelos homens. Segundo as ideias compartilhadas pelos habitantes de Urucuia, os animais podem possuir qualidades psíquicas e morais notáveis, tais como bondade, maldade, *sem-vergonhice* ou inteligência. A rigor, eles podem ser igualmente *atentados* ou

⁴ Inguiros (1963) diz que o boi afeito ao curral e ao pasto de seu dono é conhecido, em certas regiões do Vale do São Francisco, como *boi sujeito*. Nesse caso, a ideia de sujeição implica estar sob o controle, sob o poder do dono.

fujões, bravos ou perigosos. A socialização dos animais, por essa razão, exige um esforço constante por parte dos criadores. Como entende qualquer produtor urucuiano, um animal abandonado pode fugir e se tornar avesso ao convívio entre os homens. Não são incomuns histórias a respeito dos temidos *barbatões*, por exemplo, bois fugidos que, mais afeitos ao mundo natural do que ao curral, se transformam em ameaças aos seres humanos⁴. Controlá-los é uma luta contra a morte, contra a liberdade descontrolada da vida selvagem. Bois barbatões são tão ou mais perigosos do que onças pardas, pretas ou pintadas, lobos guarás, sucuris ou jacarés. A diferença entre os últimos e os primeiros é que aqueles são totalmente selvagens, nunca domesticados, ao passo que os barbatões estão afeitos ao criatório; eles são “fugidos” e precisam ser capturados ou mortos. A socialização dos bichos, noutros termos, tem como contraponto a “renaturalização” dos animais que foram abandonados pelos seres humanos. O criatório é um trabalho permanente. Como consequência moral, prestígios e reputações podem ser computados tendo em vista o modo como as famílias produtoras lidam e cuidam das suas terras. No limite, trabalhar junto à natureza também implica a produção de inúmeros vínculos sociais.

AS TROCAS ENTRE HUMANOS E NÃO HUMANOS

Numa manhã, um pequeno criador de gado urucuiano me contava que um de seus vizinhos deixou uma mula velha e já doente no seu pasto. “Era para eu cuidar”, dizia. A situação, no entanto, não era confortável para ele. “Falei que o animal dele tava morrendo, que ele tinha que vir zelar dele”. A resposta do seu vizinho não podia ser pior: “Não precisa cuidar dela não. Deixa ela lá. Já vai morrer mesmo”. Meu interlocutor dizia que “isso não se faz”. A mula tinha servido ao seu dono quando nova e com saúde. Próxima da morte, ela precisa ser tratada com alguma consideração. “É que nem com os pais da gente. Eles cria a gente,

dá-de-comer, educação. E na hora que fica velho a gente joga fora?”

Integrados à vida social das famílias urucuianas, os animais são alvos diferenciados de afetos. Os seres humanos podem se relacionar com eles por meio de uma série de categorias que evocam relações sociais humanas, tais como amor e estima (“esse cavalo é de estimação”), dó e pena, passando pela raiva e pela inimizade. Marshall Sahlins (1972) defende que a circulação de bens (materiais ou não) em sociedades ditas primitivas ou tradicionais tem como uma de suas características centrais revelar momentos de uma relação social contínua. O fluxo de bens é sempre constrangido por uma etiqueta (ele é, de certa forma, obrigatório). No entanto, as conexões entre a circulação de dádivas e as relações podem ser recíprocas. Se um vínculo pode obrigar (forçar) um dado movimento de bens, uma transação específica pode igualmente criar uma nova relação social: “*Si los amigos hacen regalos*”, escreve o autor, “*son los regalos quienes hacen amigos*” (SAHLINS, 1977, p. 204). O caráter dinâmico da reciprocidade implica o reconhecimento de uma diversidade de modelos de trocas, que incluem desde as prestações desinteressadas até as “trocas negativas”, baseadas na vingança ou no roubo. Um intercâmbio, na verdade, surge no interior de toda uma classe de intercâmbios, um verdadeiro contínuo de formas⁵.

A distância entre os polos de reciprocidade é, em outras palavras, ao mesmo tempo uma distância social e espacial. Noutro trabalho (PEREIRA, 2011), eu mesmo fiz uso de tais noções para interpretar as formas de reciprocidade inscritas no interior dos processos de produção das festas de folia em Urucuia. Nele, dizia que os conceitos contribuem para classificar as pessoas próximas ou distantes do mundo das residências, articulando as trocas puramente econômicas e os intercâmbios de dons, as relações de consideração e os tratos individualizados, além de porem em jogo ideias nativas de confiança e desconfiança. Proponho, aqui, portanto, estender essa interpretação aos animais. No caso

⁵ Escreve Sahlins: “Según esta perspectiva, los grupos residenciales de parentesco comprenden las esferas de coparticipación social en continuo crecimiento: la unidad doméstica, el linaje local, tal vez la aldea, la subtribu, la tribu, las otras tribus, por supuesto el plan particular varía según las circunstancias. La estructura es una jerarquía de niveles de integración, pero desde adentro y sobre el terreno es una serie de círculos concéntricos. Las relaciones sociales de cada círculo tienen una cualidad específica — relaciones familiares, relaciones de linaje, etc. — y a menos que las divisiones sectoriales sean intersectadas por otras organizaciones de solidaridad de parentescos personales — las relaciones dentro de cada esfera son más solidarias que las relaciones del sector próximo más inclusivo. Por tanto, la reciprocidad se inclina hacia el equilibrio o el subterfugio en proporción con la distancia sectorial. En cada sector predominan ciertos modos de reciprocidad que son característicos. Las modalidades generalizadas predominan en las esferas más estrechas y actúan en esferas más amplias, la reciprocidad equilibrada es característica de los sectores intermedios y el subterfugio de las esferas más periféricas. En resumen, es posible desarrollar un modelo general de la intervención de la reciprocidad superponiendo al continuo de reciprocidad el plan sectorial de la sociedad” (1997, p. 216-217).

das criações, o modelo parece oferecer um entendimento das diversas formas possíveis em que são instituídas as relações entre homens e bichos (selvagens e domésticos). Enquanto os valores da confiança e do companheirismo se associam ao mundo mais próximo da casa, as desconfianças estão associadas aos animais localizados fora do espaço doméstico. Trata-se, nesse sentido, de entendermos que a classificação dos seres não humanos em relação aos espaços está intimamente relacionada aos intercâmbios estabelecidos entre eles e os homens. A expressão *mexer com criação* evoca certo grau de responsabilidade recíproca pelo bem-estar fisiológico, psicológico, social e moral dos bichos e dos homens.

A rigor, os animais domésticos são aqueles em que, ao contrário dos seres selvagens, os homens são capazes de depositar confiança e crédito, elementos essenciais da dádiva (MAUSS, 2003). Os graus de intercâmbio interespecíficos podem variar. Os cavalos são mais confiáveis do que os bois carreiros, os bois carreiros mais do que os bois de corte, os papagaios mais do que os cães, os cães mais do que os gatos, os gatos mais do que as aves de quintal. Num sentido oposto, os animais selvagens seriam naturalmente alvos da desconfiança dos homens, ao estarem referenciados ao mundo exterior da residência. Uma onça pode preda o gado de um produtor, uma cobra pode picar, à traição, o lavrador numa roça, as raposas podem roubar as galinhas de um terreiro e as capivaras costumam destruir as plantações de arroz. Num plano análogo, os animais domésticos de outros criadores costumam ser entendidos a meio termo entre: estranhos, de um lado, e ameaçadores, de outro. A confiança que se deposita sobre eles está relacionada à confiança que deposita sobre seus donos.

Os animais, dessa maneira, são posicionados no interior de uma grande série classificatória estruturada por meio das noções de casa e mundo, feminino e masculino, dentro e fora, família e não família etc. (PEREIRA, 2011). Num eixo complementar, que poderíamos entender como vertical, os bichos domésticos e

selvagens também podem se deslocar entre os polos do sujeito e do objeto. De um lado, eles são vistos como seres dotados de individualidade e subjetividade, sendo capazes de se engajarem em relações de reciprocidade (generalizada ou negativa, nos termos de Sahlins) junto aos homens. Muitos, inclusive, possuem um nome próprio. De outro, tornam-se objeto de negócio, podendo ser vendidos, caçados e mortos para a satisfação das necessidades humanas.

Sujeito

(+) Confiança + (-) Desconfiança
(doméstico) (selvagem)

Objeto

Não se trata, no entanto, de considerarmos uma oposição estanque entre esses polos de classificação. Os animais, eles mesmos, podem ser transportados de uma ponta a outra, em qualquer um dos eixos. Numa tarde de dezembro, Maria nos contava um “causo” de tempos atrás. Durante dias, ela se viu diante do roubo sistemático das galinhas de seu quintal. Uma, cinco, mais de vinte aves foram mortas e devoradas por um predador. As suspeitas recaíram nos animais de sempre: raposas, em primeiro lugar, gambás, em segundo. Até o cachorro do vizinho, que não se cansava de invadir a propriedade para latir para sua família, não foi esquecido. Nenhuma das suas conjecturas, contudo, parecia ser correta. As galinhas, nesse meio tempo, continuavam sumindo. “Prejuízo”, dizia. Numa noite, Maria armou uma tocaia. Atenta a qualquer ruído que vinha do galinheiro, ela ouviu um barulho surdo. Rapidamente, dirigiu-se ao local. Com uma lanterna, vasculhando cada canto do espaço, a criadora viu sua gata, Catarina, escondida sob a “cama” das galinhas. A raiva lhe “subiu à cabeça”. Com um pedaço de pau, acertou a gata que

voou longe e fugiu. Dias depois, para consumir sua vingança, a mulher matou Catarina envenenada com “chumbinho”. Dizia: “Eu perguntava pra ela: 'Catarina, você tá roubando minhas galinhas?'. E a marvada dizia: 'Nããããooooo!’” [imitando o miado da gata]. (Caderno de campo, Urucuia, 2013).

A QUESTÃO DOS LIMITES

Num fim de tarde de março de 2013, fui ao Ribeirão de Areia visitar o casal de pequenos agricultores e criadores de gado, Bide e Petu. O marido havia saído rapidamente para recolher o gado ao curral, enquanto eu permaneci conversando com sua esposa. A mulher, depois da prosa inicial me fazendo sala, seguiu em direção ao seu quarto de costura para terminar uma atividade. Logo que adentrou ao recinto, gritou pelo marido: “tem uma cobra!”. Bide estava longe, mas ouviu o chamado da esposa. Enquanto isso, eu mesmo fui atender o chamado da mulher. Logo que cheguei à entrada do quarto, ela me avisou que a cobra estava atrás da porta. Rapidamente, pude ver a “bicha” enrolada. Nesse meio tempo, Bide chegou, ouviu a mulher repetir a informação e saiu para buscar um grande pedaço de pau que deixava encostado na parede de outro cômodo.

Em meio aos pedidos de cuidado feitos pela mulher, Bide adentrou lentamente ao recinto para poder enxergar o animal. Do lado de fora, ouvi dois baques surdos quando a cobra desferiu dois botes que acertaram a porta. Com o pedaço de pau, o marido conseguiu arrastar o animal para o corredor, para logo em seguida desferir dois golpes na sua cabeça. A cobra ainda se mexia quando o matador identificava sua “raça” (“jararaquinha, venenosa”). Bide ainda acertou mais duas ou três pauladas para terminar o serviço. Tão logo ele a reconheceu morta, usando o mesmo pau levou a cobra para pendurá-la na cerca de arame que circundava sua casa. Diante da minha curiosidade, Bide disse:

“deixo aqui porque os bichos pegam ela”. Os gaviões e outras aves provavelmente se alimentariam da cobra.

O caso foi tratado com certa naturalidade pelo casal. Depois do ocorrido, Bide e Petu lembraram outros incidentes envolvendo cobras no interior da casa. No outro dia, já na cidade, comentei o fato com alguns conhecidos e amigos. Um dos meus interlocutores, franzindo a testa, comentou: “Bide e Petu não tinham galinhas no terreiro, não?” Respondi que não. Dona Petu, a responsável pela criação, preferia deixar as aves no galinheiro, onde permaneceriam a salvo dos predadores. “Ah, então tá explicado”, dizia o meu amigo. As aves de terreiro são vistas e entendidas não apenas como fonte potencial de dinheiro e alimento, mas também como garantia de salvaguarda da residência contra a invasão de animais peçonhentos: escorpiões e cobras (Caderno de campo, Urucuia, 2013).

Assim como em diversas regiões do nordeste brasileiro (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997), um sítio, em Urucuia, também pode ser descrito como resultado de um processo por meio do qual o ambiente é modificado através da gradativa eliminação da cobertura vegetal original e de todo o ecossistema que lhe era associado. Desse ecossistema original, também é suprimida ou diminuída a presença de animais considerados selvagens. Os mitos de origem que versam sobre a criação das propriedades rurais em Urucuia são narrados como uma conquista – realizada por meio do esforço individual e coletivo – dos seres humanos sobre o *mundo da natureza*, em geral, tida como ameaçadora e perigosa ao mesmo tempo em que potencialmente rica e fonte da vida.

Uma moradora da localidade do Ribeirão de Areia me contava, certa vez, como ela e o marido adquiriram e construíram o sítio onde vivem atualmente. O depoimento destacava o caráter “sofrido” do empreendimento, diante das dificuldades impostas pelo lugar. Verdadeira narrativa de conquista, o depoimento

revela a dimensão cosmológica das atividades cotidianas de construção, manutenção e destruição dos espaços rurais.

Ah, moço, quando cheguei aqui era um carrascão, cerradão grosso. Tinha onça, cobra cascavel, guará. Eu vinha mais os meninos e dormia tudo dentro desses forno de fazer carvão. Cortei os pau no braço até levantar um rancho ali. Daí, a gente foi ficando. Um dia, as formigas – esses formigão vermelho – pegou na casa toda. Tava eu e os menino... O marido tava trabalhando mais um fazendeiro lá, pra apar-tar o gado. A gente tudo correu pra fora no meio da noite. E aqui cheio de onça, guará... (Caderno de campo, Urucuia, 2013).

Nos sítios urucuianos, os animais de criação parecem ter papel fundamental nesses processos. Para todos os efeitos, eles não são apenas produtos dos lugares, mas são agentes ativos na sua produção. Num trabalho realizado junto aos moradores do Parque Nacional do Grande Sertão: Veredas, localizado no município de Chapada Gaúcha, vizinho a Urucuia, Carmen Andriolli (2011) argumenta que as relações entre criadores e animais podem ser pensadas em termos analógicos às relações familiares. Alimentados, eles seriam quase como filhos, membros da família. Um lugar, pensa Certeau (1998), é ordenado de acordo com a distribuição de certos elementos em relação de coexistência, é uma configuração instantânea e precariamente estabilizada de posições. Em Urucuia, sua constituição indica o valor não apenas utilitário dos animais, mas também seu papel simbólico como extensões do ser humano no engajamento comum de se produzir e manter a unidade do sítio e de todo o patrimônio familiar.

BICHOS E HOMENS

⁶ Sobre o valor do gado em Urucuia, ver Pereira (2011).

A criação do gado, em Urucuia é um constante deslocamento dos animais entre os currais e os pastos⁶. No trato cotidiano com os

animais, no entanto, as fugas são constantes. Uma das atividades mais corriqueiras da vida de um produtor é consertar, de tempos em tempos, as cercas de sua propriedade, e, quando preciso, procurar uma rês fugida em meio ao cerrado. O resultado dessa intensa e indesejável circulação de animais pode frequentemente descambar em conflitos pequenos ou muito sérios em torno do gado fugido (ou de arribada). Num primeiro momento, a ética compartilhada pelos criadores urucuianos sustenta que um boi, uma vaca ou um bezerro encontrado e identificado por outro produtor deve ser imediatamente devolvido ao seu verdadeiro proprietário. Não sendo possível transportar o animal o quanto antes, aquele que porventura o tiver encontrado deve imediatamente avisar seu dono para que ele vá buscá-lo em sua propriedade. Se o aviso tem que ser imediato – e quanto mais cedo se avisar, menores são as chances de você ser acusado de roubo –, a busca da rês encontrada, no entanto, pode demorar até um ano. Nesse meio tempo, o animal “de fora” deve ser criado e tratado como os demais do rebanho. Caso não seja possível identificar a cabeça de gado, por não se conhecer suas *marcas* ou *sinais* ou por o animal não possuí-las, a mesma ética pressupõe que o produtor que a encontrou deve mantê-la sob sua guarda, sem nunca, contudo, tomá-la como posse definitiva. O criador deve avisar aos seus vizinhos e tentar pesquisar seu verdadeiro dono. Enquanto isso, o gado será criado como seu, mas sempre na iminência de que seu dono vá buscá-lo a qualquer momento. “A gente faz isso”, me explicava um produtor, “porque um dia alguém vai fazer isso pela gente, né”.

Disputas entre famílias e criadores podem surgir de mal-entendidos em relação à posse de certos animais. A existência das identificações, nesse sentido, é capaz de colocar fim a conflitos possíveis sobre a posse de uma rês; como uma espécie de “assinatura”, as *marcas* e *sinais* autenticam a propriedade do animal e têm validade jurídica em eventuais disputas em torno dele⁷. Vejamos um trecho do meu caderno de campo.

⁷ Em alguns locais da bacia do São Francisco, tais *marcas* e *sinais* são, de fato, consideradas verdadeiras *assinaturas* (Ingueiros, 1963, p. 42).

Um dos bezerros de Antonio sumiu. Andando pela estrada, ele o viu, dias depois, sendo carregado num caminhão, ao lado de outros bezerros. Antonio conheceu o animal de longe, por alguns detalhes em sua aparência. Chegando mais perto, ele teve certeza que a rês era sua. Antonio, perguntou, então, ao encarregado que cuidava de embarcar os bichos no caminhão qual era a procedência do bezerro. “O gerente falou que comprou”, respondeu o vaqueiro. Antonio desconfiou e disse que a rês era sua. Certo do que estava falando ainda propôs: “Se não tiver minha marca, eu dou outro bezerro pra ele [para o gerente]”. A marca foi identificada e Antonio pôde apartar o animal e levá-lo para sua casa (Caderno de campo, Urucuia, 19/11/2007).

O gado, decerto, vale por sua utilidade, como fonte de dinheiro ou alimento. No entanto, mais do que isso, ele também pode ser visto como verdadeiro fato social total, ao realizar diversas mediações entre inúmeros planos sociais e cosmológicos (MAUSS, 2003). Vinculados metafórica e metonimicamente aos seres humanos, os animais parecem revelar-se intimamente ligados aos seus proprietários, como extensões não humanas dos seus donos. Sua circulação é, de alguma maneira, a circulação de pessoas estendidas (GELL, 1998). Noutros termos, os bichos valem para o homem, ao mesmo tempo em que vale o homem que o possui. É nesse sentido que sua circulação desempenha papel fundamental na constituição das sociabilidades intra-humanas. Na mesma medida em que são considerados sujeitos com vontades e agências próprias, os bichos promovem verdadeiros vínculos. A noção urucuiana de socialização da natureza, nesse sentido, ao não relegar o meio ambiente a um papel passivo em relação ao mundo dos homens, implica o reconhecimento de que a produção dos laços sociais e cosmológicos⁸ depende também da ação dos animais.

⁸ Como noto em Pereira (2011), o desaparecimento e a fuga das cabeças de gado também podem ser motivos pelos quais os seres humanos apelam para seus santos de devoção. Nesse sentido, a circulação de animais também desencadeia o estabelecimento de vínculos religiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRIOLLI, C. S. *Sob as vestes de Sertão Veredas, o Gerais. 'Mexer com criação' no Sertão do IBAMA*. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas/SP, 2011.
- BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água Editoria Ltda., 1981.
- BRANDÃO, C. R. *A Partilha da Vida*. São Paulo: Geic/Cabral Editora, 1995.
- _____. *O Afeto da Terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- BRISEBARRE, A. M. Ganaderia. In: BONTÉ, P.; IZARD, M (Orgs). *Diccionario Akal de Etnología y Antropología*. Madrid: Akal/Básica de Bolsillo, 2005.
- CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- DE PAULA, S. G. O campo na cidade. Esportes country e ruralidade estetizada. Tese (Doutorado) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- GELL, Al. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon, 1998.
- INGOLD, T. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. New York: Routledge, 2000.
- INGUEIROS, E. *A língua e o folclore da Bacia do São Francisco*. Rio de Janeiro: Companhia de Defesa do Folclore, 1977.
- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.
- LEACH, E. *Antropologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- PEREIRA, L. P. *Os giros do sagrado: um estudo etnográfico sobre folias em Urucuia, MG*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2011a.

PHILO, C.; WILBERT, C. (Org.). *Animal Species, beastly places: an introduction*. New York: Routledge, 2005.

RIBEIRO, E. M.. Vaqueiros, bois e boiadas – trabalho, negócio e cultura na pecuária do nordeste mineiro. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 10, Rio de Janeiro, p.135-164, abril 1998.

SAHLINS, M. *Economía de la Edad de Piedra*. Barcelona: Akal Editores, 1997.

TAMBIAH, S. J. *Culture, Thought and Social Action*. Harvard University Press, 1985.

WOORTMANN, E.; WOORTMANN, K. *O Trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

LUZIMAR PAULO PEREIRA – Professor Adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora. <mazinhop@gmail.com>